

gramação de eventos realizados em parceria com as comunidades locais. Um dos pontos altos do festival é a premiação de jovens cientistas, a Award Lecturer, que busca incentivar os pesquisadores a explorar os aspectos sociais de suas pesquisas, provendo maior abertura e melhores debates sobre temas envolvendo ciência e tecnologia. O prêmio existe há mais de vinte anos e muitos dos vencedores tornaram-se divulgadores científicos conhecidos, como Brian Cox e Maggie Aderin-Pocock, que apresentam programas sobre ciência na televisão ou no rádio, na Inglaterra.

184 ANOS DE HISTÓRIA O festival é um dos mais tradicionais eventos do gênero no mundo. O primeiro aconteceu em 1831, na cidade de York. Realizado sempre no mês de setembro em uma cidade diferente do Reino Unido, já passou também por outros países como Canadá e Austrália. Esta é a quarta vez que Bradford recebe o festival – a primeira foi em 1873. Os encontros anuais foram palco para o anúncio de grandes avanços científicos, como os experimentos do físico James Prescott Joule, em 1849, sobre a equivalência entre trabalho e calor; o processo de Henry Bessemer para fabricação de aço, em 1856; a descoberta do argônio, por William Ramsay e Lord Rayleigh, em 1894. Nesse mes-

mo ano, sir Oliver Lodge realizou a primeira demonstração pública da telegrafia sem fio. Em 1899, J.J. Thomson anunciou a descoberta do elétron. Foi também nesses encontros que os dinossauros ganharam esse nome e o termo cientista foi cunhado. Os festivais também foram palco de debates históricos. O mais famoso foi a discussão entre o biólogo Thomas Henry Huxley e o bispo Samuel Wilberforce, em 1860, em Oxford. Charles Darwin havia acabado de publicar *A origem das espécies* (1859), mas não pôde comparecer ao encontro. Huxley – conhecido como o “bulldog de Darwin”, por ser um dos principais defensores da teoria da evolução na época, foi em seu lugar debater sobre o tema “darwinismo e sociedade”. Durante a discussão, o bispo questionou o biólogo se a descendência símia dele derivava do avô ou da avó. A resposta de Huxley rodou o mundo: “não teria vergonha de ter um macaco como ancestral, mas me envergonharia ter ligação com um homem que teria usado seu grande dom para obscurecer a verdade”.

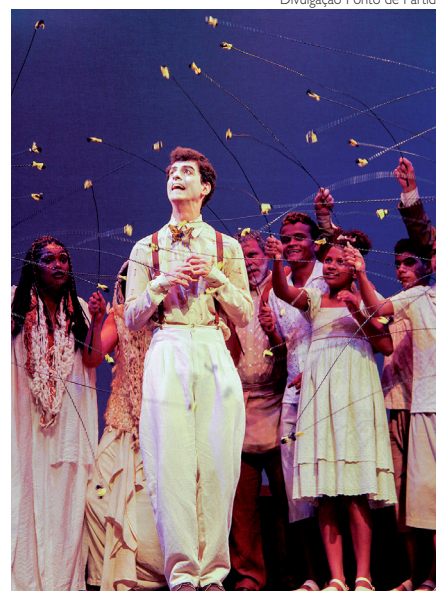
Para mais informações sobre o festival, visite o site do evento: <http://www.britishsociety.org/the-history-of-the-festival>.

Daniela Klebis



Festival britânico inclui oficinas para crianças

Divulgação Ponto de Partida



Coro dos Meninos de Araçuaí é presença marcante nos espetáculos do grupo

ARTES CÊNICAS

GRUPO PONTO DE PARTIDA CELEBRA 35 ANOS DE CULTURA BRASILEIRA

Presente de vô, O gato malhado e a andorinha Sinhá, Drummond, Sertão Minas Gerais são alguns dos 34 espetáculos já montados pelo grupo de teatro mineiro Ponto de Partida. Criado em Barbacena em 1980, o grupo completa 35 anos em 2015 e tem como marca registrada a valorização da cultura e da música brasileiras. “Partimos sempre da cultura brasileira seja por meio de um autor, uma obra, um tema”, conta Regina Bertola, di-



Cenas da montagem *Drummond* de 2009 (acima). Em *Presente de vô*, músicas são recuperadas de um baú de memórias

retora do grupo. “Por isso sempre estamos envolvidos com a música brasileira, que parece ser um fio que costura a identidade de norte ao sul do país”, diz ela. O grupo tem hoje oito peças em cartaz, um cardápio teatral que viaja por todo o Brasil,

com apoio financeiro de patrocinadores mas, sobretudo, pela vontade de um grupo de artistas movidos pela paixão.

Foi a paixão pelo teatro que motivou a criação do grupo em Barbacena, cidade fincada na Serra da

Mantiqueira, com pouco mais de 100 mil habitantes e a 169 quilômetros da capital mineira. A pequena cidade quase não recebia espetáculos de teatro, dança e música. Foi a partir da crença de que era possível criar um centro de produção e pesquisa teatral fora dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo que Regina Bertola, juntamente com um grupo de amigos, criou o Ponto de Partida.

A primeira montagem do grupo foi o espetáculo *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, ainda em 1980. Jorge Amado, Adélia Prado e Guimarães Rosa são alguns autores escolhidos para ser tema dos espetáculos do grupo. “Nosso alimento é a obra desses artistas, muito mais do que suas biografias”, explica Bertola. Foi assim que surgiu *Drummond*, espetáculo cujos textos são baseados exclusivamente na poesia de Carlos Drummond de Andrade. “Queríamos contar a história dele desde a infância até a velhice e fomos costurando isso por meio dos poemas”, conta a diretora. “Foi como colocar as palavras de pé, no palco, dando a elas um som, uma feição, um rosto”, complementa.

COSTURANDO MEMÓRIAS Em outro projeto mais recente – *Presente de vô* (2013-2014) – o grupo criou um roteiro original a partir de pesquisas sobre a cultura musical brasileira. “A construção desse espetáculo partiu de uma inquietação sobre a perda de um legado fundamental na cultura brasileira, nossa música”, relata Bertola.

“Como trabalhamos em parceria com o coro dos Meninos de Araçuaí, formado por crianças entre sete e 16 anos, eu via que muitas não escutam e não cantam mais a nossa música”, conta. Foi então que o grupo iniciou uma extensa pesquisa sobre músicas tradicionais brasileiras, passando pela memória indígena, africana, pelas cantigas das lavadeiras na beira do rio e ainda por autores como Chico Buarque, Tom Jobim e Gilberto Gil. Todo esse repertório vai sendo revelado a partir de um baú de memórias, ao longo do espetáculo, no ritmo dos tradicionais “causos” mineiros. A mensagem é que as músicas, assim como as memórias têm que ser contadas e recontadas para não morrerem. “A construção do espetáculo é um trabalho do qual todo o grupo participa, ninguém recebe um texto pronto. Todo o processo depende de muita improvisação até chegar ao formato final”, descreve a diretora. Formato que também é utilizado na gestão do grupo. Hoje os 22 integrantes do Ponto de Partida se alternam nas diversas funções de produção, comunicação e gestão administrativa.

Um dos pontos fortes de *Presente de vô são os Meninos de Araçuaí*. O coro foi criado nessa cidade do Vale do Jequitinhonha pela ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), mas há 15 anos o Ponto de Partida assumiu a direção artística do projeto. As crianças têm aulas de música, percussão, voz, dança e interpretação. O coro já participou de cinco espetáculos do grupo teatral e tem seis CDs

e dois DVDs gravados. Segundo Regina Bertola, o trabalho com o grupo melhora muito a autoestima das crianças, além de ampliar seu repertório cultural. “Muda o vocabulário, eles ficam com a percepção mais aguçada. Essa é a grande força da arte, que abre portas, que transforma. Eles aprendem pela experiência, em um encontro de prazer com arte e com o conhecimento”, afirma ela.

TECENDO NOVAS HISTÓRIAS Para ampliar o trabalho de capacitação de crianças do coro e de pessoas da comunidade interessadas em música, o Ponto de Partida criou, em 2004, a Bituca, Universidade de Música Popular. O nome é uma homenagem a Milton Nascimento, padrinho do projeto. Os alunos trabalham com o processo de formação integral, com opção de aprender entre 11 instrumentos, além de canto, engenharia de som & produção, afinação & restauração de piano. A universidade ocupa um dos casarões de um conjunto arquitetônico de valor histórico em Barbacena, a primeira fábrica de seda do Brasil, que foi restaurado pelo grupo por meio de uma parceria com o Clube de Amigos do Ponto de Partida, o Grupo Gerdau e o Instituto Inhotim. E é desse lugar e de suas histórias, de imigrantes italianos e mulheres operárias, trabalhando no século XIX em Minas Gerais, que pode surgir o tema do próximo espetáculo do grupo.

*Marianne Frederick e
Patrícia Mariuzzo*

CAMINHOS ALTERNATIVOS

Se por um lado as leis de incentivo à cultura ajudaram a alavancar projetos artísticos no Brasil, especialmente a partir dos anos 1990, por outro, mantêm esses projetos altamente dependentes do patrocínio de empresas.

Sem abrir mão do apoio de patrocinadores de peso como a Natura e GVT, o grupo Ponto de Partida decidiu experimentar caminhos alternativos. Assim, para manter o grupo de modo sustentável – afinal toda a equipe é fixa – montar espetáculos e levá-los até o público, os próprios artistas criaram uma rede de apoio, o Clube dos Amigos do Ponto de Partida (Capp). Como se fossem sócios do grupo, centenas de pessoas contribuem anualmente para as atividades do Ponto de Partida. As contribuições acontecem no mesmo formato que uma empresa, ou seja, quem decide ajudar pode fazer deduções no imposto de renda. Além do apoio financeiro, o objetivo é, segundo, informa o site do grupo, despertar a consciência da importância de fazer parcerias com a sociedade, de modo que todos percebam que podem contribuir efetivamente para que as mudanças aconteçam, mudanças impulsionadas pela arte, pelo teatro e pela música.